

SEB, Fernando Gabeira, Demétrio Magnoli (quizenal), Miguel de Almeida (quizenal), Irapuá Santana (quizenal), Washington Olivetto (quizenal), Marcelo Serpa (quizenal)
TER, Merval Pereira, Carlos Andreazza, Zuenir Ventura (quizenal), Edu Lyra (quizenal), QUA, Vera Magalhães, Elio Gaspari, Bernardo Mello Franco, Roberto DalMatta (quizenal), QUL, Merval Pereira, Malu Gaspar
SEX, Vera Magalhães, Flávia Oliveira, Pedro Dória, Bernardo Mello Franco, SAB, Carlos Alberto Sardenberg, Eduardo Aftonoz, Pablo Orteltado, DOM, Merval Pereira, Dorrit Harazim, Bernardo Mello Franco

DORRIT HARAZIM

blogs.oglobo.globo.com/opinio
editoria.artigos@oglobo.com.br



O desmundo

A ordem emitida sugeria apenas um deslocamento forçado: todos os judeus da cidade de Kiev e vizinhanças deveriam se apresentar às 8 da manhã do 29 de setembro de 1941 na esquina de duas ruas específicas, munidos de documentos, dinheiro e pertences valiosos; além de roupas quentes e lençóis. Quem não obedecesse seria encontrado e fuzilado. O comando nazista que ocupava a cidade uma semana antes esperava atrair não mais de 5 mil vítimas, uma vez que 70% dos 225 mil judeus da cidade já haviam fugido. Restavam, portanto, entre 60 mil e 70 mil, e boa parte deles compareceu ao local.

A logística montada para ludibriá-los foi eficiente, tipo linha de montagem. Mal chegavam, entregavam primeiro os pertences, depois capotes e sapatos, em seguida as roupas do corpo. Até ficarem nus. Tudo muito rápido e atordoante. Quando, finalmente, se aproximavam do ponto em que se ouvia disparos de metralhadora, já era tarde para recuar. Um barranco de 150 metros de comprimento, 30 metros de largura e 15 de profundidade os aguardava. Obrigados a deitar em fila sobre os já executados, cada nova fileira recebia uma rajada de tiros no pescoço. Não é fácil fuzilar individualmente 33.771 mulheres, crianças e homens. Os SSs de Hitler e seus colaboradores locais precisaram de 46 horas para completar o massacre de Babi Yar.

Enquanto a Ucrânia esteve sob domínio soviético, e mesmo após a independência, em 1991, inúmeras foram as tentativas de erguer um monumento oficial aos fuzilados. Mas só em outubro do ano passado o imponente memorial que faz jus à História foi inaugurado em Babi Yar. Na presença de três presidentes: da Alemanha, de Israel e o ucraniano Volodymyr Zelensky — o mesmo que o líder russo Vladimir Putin pretende esmagar feito pulga com a invasão desencadeada em 24 de fevereiro.

Nesta segunda semana de guerra, o memorial aos fuzilados em 1941 permanece milagrosamente de pé, apesar de o país estar em via de esmagamento físico pela Rússia. Também Zelensky continuava vivo à frente de sua já histórica resistência cívica. Onipresente, ora em bunkers, ora entre escombros da capi-

tal, ele angariou respeito mundial na marra no improviso da necessidade. Calouro impensado entre os interesses da Otan e do poderio militar da Rússia, optou pelo risco de resistir com seu povo. Em apenas uma semana de guerra, tornou-se estadista de uma terra arrasada, órfã de mães, avós e crianças em fugas dilacerantes, que deixam nas trincheiras da pátria seus maridos, pais e filhos entre 18 e 60 anos.

Tudo indica que “o pior ainda está por vir”, como disse o presidente da França, Emmanuel Macron, após seu enésimo telefonema com o homem entrincheirado no Kremlin. Das 15 usinas nucleares operacionais distribuídas em quatro regiões do país, a maior delas, Zaporijia, espalhou calafrios mundo afora ao sofrer um ataque e ocupação russos que resultaram num incêndio. Espera-se que pelo menos o medo do imaginado “inverno nuclear” resista como linha vermelha a não ser atravessada pelos dois principais atores por trás dessa guerra: os países da Otan e a Rússia de Putin. Seria este o “iremos até o fim”, anunciado pelo chanceler Sergey Lavrov? Com cinzas a preencher a atmosfera, o bloqueio do nosso sol e o con-

Em apenas uma semana de guerra, Zelensky tornou-se estadista de uma terra arrasada, órfã de mães, avós e crianças em fuga



* ARTIGO

A ética na crise

MARCUS LACERDA



Antes de qualquer discussão sobre a escola sem partido, nos idos de 1990 aprendi que as guerras alimentam economicamente alguns países envolvidos. Guerras são como cassinos, que também parecem estar voltando à moda: você aposta e pode ganhar ou perder. Os Estados Unidos se tornaram a maior potência econômica do planeta depois de vender armamentos para a Europa, durante as duas guerras mundiais.

Nasce daí um grande conflito, que desperta importante discussão ética: mesmo que eu não mate um único soldado com minhas mãos, se vendo as armas, em acordo estritamente comercial, sou corresponsável ou não pelas mortes? Um grande amigo alemão me confidenciou, certa ocasião, sobre a famosa fábrica de brinquedos do avô, na Alemanha, instada a produzir, excepcionalmente, armas para o Exército nazista. A fábrica atingiu seu apogeu econômico, apesar de o dono não concordar com a finalidade do uso de seus produtos.

Financiar uma guerra, *stricto sensu*, é diferente de vender tanques e armas, sem nenhum envolvimento ideológico. O primeiro torna partícipe; o segundo, nem tanto, passando a imagem de um simples negociante, isento de qualquer culpa ou responsabilidade. Pude ver durante a pandemia da Covid-19 o mesmo dilema ético diante da crise instalada.

Muito pouco se comentou sobre a honestidade do lucro de empresas que faturaram como nunca em meio ao caos. Obviamente, seria falacioso conjecturar que tais empresas contribuíram para piorar a crise, mirando lucros. Aliás, sempre achei a maquiavélica teoria de que a China facilitou uma pandemia por interesses políticos e econômicos meio sem fundamento — no final, todos perdem, de uma forma ou de outra. Obioterrorismo não é mais uma arma inteligente em meio ao mundo globalizado em que vivemos.

Pouco se comentou sobre a honestidade dos lucros de empresas que faturaram como nunca no caos da pandemia

tomam o mercado de assalto e mostram sua face mais cruel. A necessidade de caixões e serviços funerários fez um negócio adormecido explodir e lucrar. Donos de farmácias, isentos de qualquer conhecimento técnico, expuseram caixas de ivermectina, hidroxizolorequina e zinco em gôndolas estratégicas, em muito maior destaque do que propagandeavam máscaras ou álcool em gel.

Hospitais privados aumentaram os preços das internações, e muitos médicos quintuplicaram os valores cobrados pelas consultas. Era a demanda desesperada forçando os preços para cima, como oscila o preço do barril do petróleo ou da saca do café. Quem pode

seu colapso de nossos ecossistemas e da produção alimentar? Nunca é bom sinal quando o chefe da diplomacia de uma superpotência fala em “terceira guerra mundial nuclear e devastadora”.

Mesmo o uso de bombas de fragmentação, não nucleares porém esmagadoras, além de proibidas por uma convenção da ONU de 2008, é capaz de transformar as cidades ucranianas em cemitérios físicos e humanos. Apesar de a convenção ter sido assinada por mais de 111 países, foi solenemente desprezada por Estados Unidos, Rússia, Brasil e Arábia Saudita, entre outros, e faz parte do arsenal destinado a dobrar a resistência ucraniana. Um segundo tipo de bomba proibida, a de vácuo, capaz de sugar o ar e sufocar suas vítimas, também está a bordo do comboio bélico adentrando a Ucrânia pela fronteira norte. Ao longo de toda a primeira semana da guerra, o veterano Fred Pleitgen, um dos 75 profissionais da rede CNN americana (entre jornalistas, motoristas e intérpretes) atuando no front, conseguiu filmar a entrada desse material a partir do território russo.

Cabe aqui abrir um meritoso parágrafo para o peso duplo de uma cobertura jornalística de guerra em país sem censura. Para a Ucrânia, o influxo de repórteres e cinegrafistas sustentados por sólidas estruturas planetárias foi uma dádiva. Enquanto a população russa vem sendo servida com açucaradas cenas da “operação militar especial” (o termo “guerra” continua proibido), intercaladas por coreografadas reuniões de Putin com assessores, os combatentes ucranianos extraem coragem da ininterrupta cobertura do que estão vivenciando. Graças à imprensa, sabe-se hoje que crematórios móveis fazem parte do arsenal russo enviado à Ucrânia para que seus mortos não sejam fotografados no abandono, nem sejam devolvidos às famílias quando a verdade se impuser.

Mesmo que Putin consiga domínio sobre o território ucraniano, os russos pouco a pouco começarão a conhecer o tamanho do estrago. Virão à tona a extensão do despreparo de suas tropas e as humilhantes falhas iniciais da estratégia de ocupação. Será sentido com impacto pleno o encolhimento drástico da décima potência econômica mundial. Isso sem sequer ainda levar em conta um eventual confronto direto com o poderio assanhado da Otan.

Putin prometeu a seu povo reconquistar a Ucrânia que lhe seria devida e convocou a alta cúpula do país invadido a decapitar o governo “neonazista” do judeu Zelensky e a implantar um novo, livre de “marginais drogados”. Contudo, caso o mundo continue de pé, é Putin que corre o risco não impensável, embora longínquo, de vir a ser ele o destronado pelos seus. O fim deste desmundo não está à vista.

culpar esses empresários? Quem pode incriminar os produtores de oxigênio, quando pessoas morriam asfixiadas? Quem pode retaliar ou criticar o fenomenal aumento de preços de respiradores vendidos para as UTIs em todo o mundo? As empresas que faturaram milhões de dólares produzindo testes diagnósticos precisam agora se redimir? Ou precisamos nos curvar para sempre à indústria farmacêutica, que está colocando fim aos mortos pela doença, vendendo vacinas?

Curiamente, o mesmo mercado que regula Bolsas de Valores, debêntures, commodities, e vive em permanente luma com ursos e touros, também regula insumos de saúde, que são a diferença entre viver ou morrer. O mercado da saúde precisa ser mais ou menos regulado? Precisamos ser mais ou menos liberais com eles? É honesto que empresas produtoras de drogas inuteis contra a Covid-19 tenham se infiltrado na cúpula do governo de um país para alterar protocolos que deveriam se basear apenas em dados técnicos? É justo fazer médicos desqualificados e oportunistas se passar por cientistas nas redes sociais, para manipular e confundir uma população terrivelmente desinformada?

Uma coisa é certa — quando eu vejo a foto de um ferido na Ucrânia, tento conter meu primeiro arroubo de emoção e penso: quem está enriquecendo com isso e acreditando piamente que é apenas um homem de negócios? As crises têm este poder: relativizar tudo.



Marcus Lacerda
é médico infectologista

BERNARDO MELLO FRANCO



oglobo.com.br/bernardo
bernardomf
bm@oglobo.com.br



A boiada de Putin

Jair Bolsonaro quer usar a invasão da Ucrânia como pretexto para liberar a mineração em terras indígenas. Na quarta-feira, o capitão disse que a guerra vai prejudicar a importação de fertilizantes à base de potássio. Logo, seria preciso reduzir a dependência externa de “algo que temos em abundância”.

O truque lembra uma fala célebre de Ricardo Salles. O ex-ministro queria aproveitar a pandemia para “passar a boiada” na legislação ambiental. Agora o presidente quer aproveitar o ataque russo para fortalecer o garimpo. É a boiada de Putin.

O projeto do governo foi apresentado no início de 2020. Parou na mesa do deputado Rodrigo Maia, que prometeu a líderes indígenas não levá-lo a plenário. Com a ascensão de Arthur Lira, o lobby das mineradoras voltou a se assanhar. Antes do conflito no Leste Europeu, a proposta entrou na lista de prioridades legislativas do Planalto.

“Usar a guerra como argumento é uma grande falácia”, critica Márcio Santilli, ex-presidente da Funai e fundador do Instituto Socioambiental. “A demanda por potássio em terras indígenas é irrisória. O interesse real das mineradoras está na extração de ouro e diamante”, aponta.

Além de permitir a exploração mineral, o projeto facilita a instalação de hidrelétricas e o plantio de transgênicos em áreas demarcadas. O texto foi enviado ao Congresso com a assinatura do então ministro Sérgio Moro. Ao apresentá-lo, o capitão disse que gostaria de “confinar” todos os ambientalistas na Amazônia.

A 6ª Câmara do Ministério Público Federal já definiu o texto como uma “grave ameaça” às comunidades indígenas. Os procuradores contabiliza-

ram mais de quatro mil pedidos de exploração mineral em 216 áreas demarcadas. Isso desmente a tese de que os índios seriam beneficiados pela legalização do garimpo. “Não são os interesses dos indígenas ou da União que motivam a proposta de regulamentação dessa atividade, mas sim o interesse econômico de determinados grupos”, resumiu o MPF. Apesar dos alertas, a Câmara pode aprovar a boiada nos próximos dias.

O garimpo expõe os povos da floresta a conflitos, devastação e doenças. Em 2019, a Fiocruz revelou que 56% das mulheres e crianças da região de Maturacá, no Amazonas, estavam contaminados por mercúrio. O governo barrou um novo estudo em Roraima, onde os ananás já convivem com mais de 20 mil invasores. A corrida do ouro é incentivada por palavras e atos do presidente. Há três semanas, ele editou um decreto que cria a figura da “mineração artesanal”.

Na quinta-feira, a ministra Tereza Cristina reconheceu que o Brasil errou ao se tornar dependente da importação de fertilizantes. Faltou dizer quem tomou a “decisão equivocada”. Desde 2017, a Petrobras vendeu três fábricas próprias no país. A quarta foi fechada há dois anos, obedecendo ao plano de “desinvestimento” lançado por Michel Temer e mantido por Bolsonaro.

Nova política

Em fevereiro, o deputado Kim Kataguiri afirmou que a Alemanha não deveria ter criminalizado o neonazismo. Menos de um mês depois, o deputado Arthur do Val, o Mamãe Falei, disse que as mulheres ucranianas “são fáceis porque são pobres”. Os dois integram a infantaria do MBL, que foi vendido como expressão da “nova política”.